

**"E DEPOIS DO ADEUS?"**

25 DE ABRIL - 50 ANOS

ESCOLA EM  
REVISTA

EDIÇÃO ESPECIAL



SALGUEIRO MAIA  
O ROSTO DA  
REVOLUÇÃO

AS MULHERES E  
O 25 DE ABRIL

PAZ, PÃO,  
HABITAÇÃO, SAÚDE  
E EDUCAÇÃO

# A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

## SALGUEIRO MAIA

### O ROSTO DA REVOLUÇÃO



## A 1.ª SENHA DA REVOLUÇÃO

No dia 24 de abril de 1974, às 22h55, a canção "E depois do Adeus" tornou-se a primeira senha da revolução. Segundo o seu cantor, Paulo de Carvalho, apesar de ser uma canção de amor, já trazia alguns recados: "Quis saber quem sou/ O que faço aqui/ Quem me abandonou/ eram versos que falavam, veladamente, da guerra colonial, onde esteve José Niza, o autor da letra. Com música de José Calvário, "E Depois do Adeus" foi a canção que ganhou o Festival da Canção.

## "GRÂNDOLA, VILA MORENA"

### A 2.ª SENHA

Utilizada como segunda senha da revolução é, ainda hoje, a música que mais se identifica com o que aconteceu no dia 25 de abril de 1974. "Grândola, Vila Morena" tornou-se um tema icónico.

"Grândola, vila morena" foi anunciada aos 25 minutos do dia 25 abril de 1974 por Leite de Vasconcelos, no programa "Limite" da Rádio Renascença, confirmando que a revolução seria naquele dia.

À escuta tinha militares em diversos quartéis prontos a mobilizar forças para tomar pontos estratégicos especialmente na capital. Uma hora e meia antes tinham estado sintonizados nos Emissores Associados de Lisboa onde João Paulo Dinis tinha emitido a primeira parte da senha: "E depois do Adeus", um tema de Paulo de Carvalho.

Apesar de ter sido a segunda música utilizada naquela noite para desencadear a revolução, "Grândola, vila morena", de Zeca Afonso, ficaria para sempre ligada a esse momento, continuando a ser o tema que mais rapidamente se identifica com os acontecimentos dessa madrugada.

## O CAPITÃO QUE "ACABOU" COM A DITADURA

Comandou a coluna de blindados que, saindo de Santarém, veio cercar os ministérios, no Terreiro do Paço, forçando a demissão de Marcelo Caetano. Foi o rosto mais visível de toda a operação militar, destacando-se pela sua ação pragmática e firme nesse dia.

Integrou a Comissão Coordenadora do MFA desde o seu início, como delegado de Cavalaria, uma vez que era essa a sua especialidade, estando colocado na Escola Prática de Cavalaria de Santarém (EPC). A sua missão no dia 25 de abril de 1974 foi essencial para o sucesso da revolução, tornando-o um símbolo que para sempre ficou associado a este dia.

Na noite marcada, Salgueiro Maia juntou 240 homens da EPC fazendo uma intervenção que ficou célebre, dizendo: "Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados socialistas, os estados capitalistas e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos!"

Sem nenhum desistente, a coluna de Santarém viria a cercar os ministérios, no Terreiro do Paço, avançando depois para o Largo do Carmo, onde Marcello Caetano se rendeu. Salgueiro Maia ainda escoltou o chefe de governo cessante até ao aeroporto, a partir de onde Caetano partiu para o Brasil.



## POR QUE LHE CHAMARAM REVOLUÇÃO DOS CRAVOS?



Um soldado pediu-lhe um cigarro, mas Celeste Caeiro só tinha cravos. Por isso, pôs um cravo vermelho no cano da espingarda. As floristas da Baixa de Lisboa foram repetindo o gesto, por isso é que o 25 de Abril ficou conhecido como a "Revolução dos Cravos".

## QUANDO A MÚSICA ERA INTERVENÇÃO

Até aos anos 60, o nacional-cançonetismo preenchia as rádios e as lojas de discos. A intenção de despertar consciências levada a cabo por José Afonso abriria caminho a Adriano Correia de Oliveira e, mais tarde, a nomes como José Mário Branco, Francisco Fanhais e Sérgio Godinho.

Em 1962, aquele que muitos consideram a voz de abril, José Afonso – ou Zeca Afonso – compunha o seu primeiro álbum. Lançava, através da música, críticas ferozes ao poder e à forma como os mecanismos de repressão o perpetuavam. A palavra assumia-se de intervenção.

Escondida por metáforas e recursos linguísticos irónicos, a liberdade brotava nas entrelinhas.

Um dos espetáculos mais memoráveis no período pré-revolução aconteceu no Coliseu de Lisboa. Pouco antes do 25 de abril, vários artistas subiram ao palco e cantaram músicas que a censura tinha aprovado. Zeca Afonso, disfarçando problemas da voz, evidenciava que tinha sido condicionado na escolha. O público, mais habituado às entrelinhas que os censores, percebeu.

Pela primeira vez, cantou-se "Grândola, Vila Morena" a uma só voz.

# TIME

THE WEEKLY NEWSMAGAZINE



ANTÓNIO DE SPÍNOLA: PRINCE OF SOLDIERS

Roma - Anno XXX - N. 17 - L. 160 (tariffa L. 200)

Venerdì 26 aprile 1974 - 5. Marcelino

## IL POPOLO

QUOTIDIANO DELLA DEMOCRAZIA CRISTIANA

### Perchè voteremo

ANCHE IERI NEL CORSO DI CONTINUA MANIPOLAZIONE, SI È SVILUPPATO L'IMPERO UNITARIO DELLA DEMOCRAZIA CRISTIANA PER ILLUSTRARE LE RAGIONI IDEAL E SOCIALI CHE GIUSTIFICANO L'ABROGAZIONE DELLA LEGGE FORTUNA-BASINI.

SI

DESTITUITI IL PRESIDENTE THOMAZ E IL PRIMO MINISTRO CAETANO

# Rivolta militare in Portogallo Abbattuto il regime salazariano

Il movimento dei giovani ufficiali, che già in passato si era opposto alla politica africana attuata dal regime, ha guidato il colpo di Stato - Thomaz, Caetano e numerosi membri del governo arrestati - I ribelli promettono il ripristino delle libertà civili e libere elezioni generali - Offerta al generale de Spínola la carica di primo ministro provvisorio

### Epilogo inevitabile della crisi

Per l'aula militare della marina del movimento democratico...  
La sua amministrazione...  
Il suo governo...  
Il suo paese...



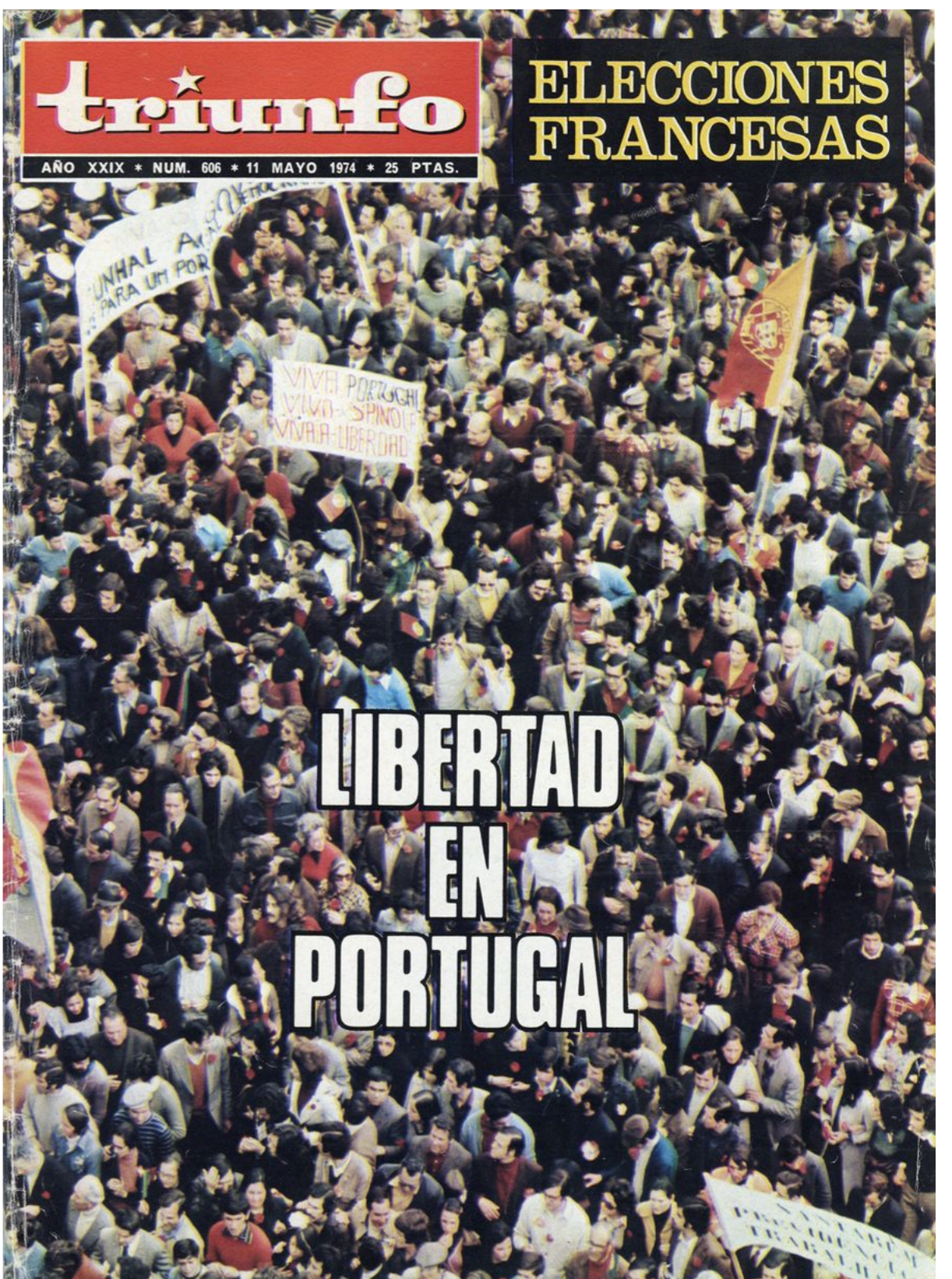
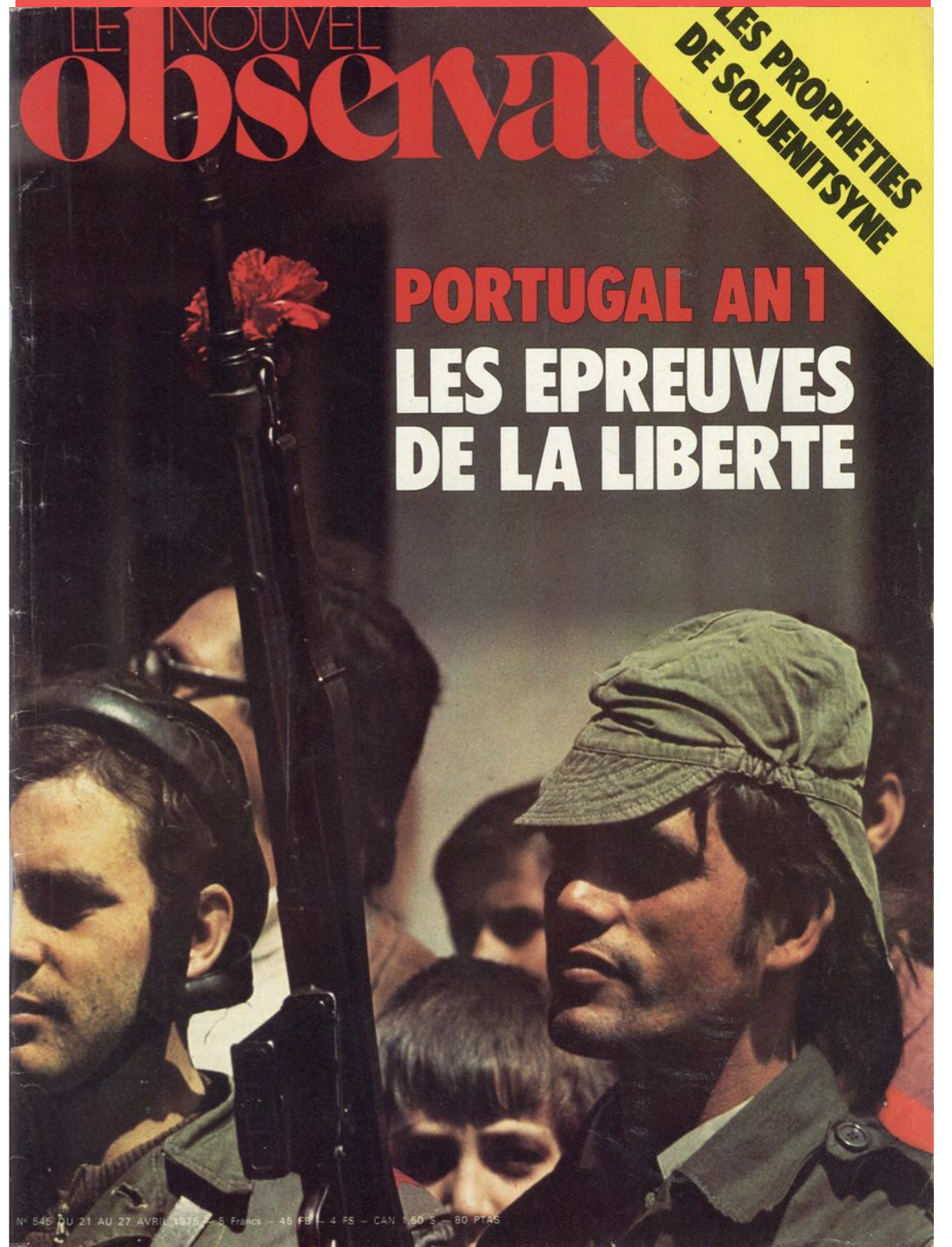
CELEBRATO L'ANNIVERSARIO DELLA LIBERAZIONE

FANFANI: la D.C. per la libertà

RUMOR: rifiuto della violenza

Il Segretario della DC, parlando a Catania, Siracusa e Ragusa, ha affermato che il referendum è un atto coerente in difesa della democrazia. Il Presidente del Consiglio, a Padova, ha sostenuto che lo Stato democratico non si lascia intimorire dalle provocazioni e dalla violenza

O 25 DE ABRIL  
NA IMPRENSA  
ESTRANGEIRA



A queda do Estado Novo e o período de transição para a democracia subsequente transformaram Portugal numa espécie de laboratório político para os círculos dirigentes, jornalísticos e intelectuais europeus. Na imprensa internacional, o país alcançou uma exposição mediática sem precedentes.

Poucas vezes os acontecimentos políticos portugueses assumiram tão vasta repercussão internacional como nos 19 meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974.

Os jornalistas estrangeiros celebraram a queda do Estado Novo como um evento excepcional. Exploram-se, neste sentido, os aspetos mais sombrios e maléficos do regime: a repressão em Portugal, os massacres nas províncias ultramarinas, a "decapitação" das forças mais válidas e enérgicas do país (jovens ao serviço da guerra colonial), o controlo económico na posse de poucas famílias, pobreza, analfabetismo, mortalidade infantil e uma sociedade estática do ponto de vista económico e social.

# AS MULHERES E O 25 DE ABRIL

## CATARINA EUFÉMIA: UM SÍMBOLO DA REVOLUÇÃO

Catarina Efigénia Sabino Eufémia nasceu em Baleizão, no Alentejo, a 13 de Fevereiro de 1928. Era uma ceifeira pobre e quase analfabeta que, durante uma greve de catorze mulheres assalariadas rurais, a 19 de Maio de 1954, foi assassinada a tiro por um tenente da Guarda Nacional Republicana. Tinha 26 anos, três filhos, um dos quais de oito meses (ao seu colo quando foi baleada) e estava grávida de um quarto.

A sua trágica história acabou por personificar a resistência ao regime salazarista, sendo adotada pelo Partido Comunista Português como ícone da resistência no Alentejo. Dedicaram-lhe poemas autores como Sophia de Mello Breyner, Carlos Aboim Inglês, Eduardo Valente da Fonseca, Francisco Miguel Duarte, José Carlos Ary dos Santos ou Maria Luísa Vilão Palma.

## O PAPEL DA MULHER DURANTE A DITADURA

A ditadura de Salazar marcou o país. É um facto, mas, marcou muito as mulheres, em particular. Durante este período da história nacional as mulheres foram alvo de uma opressão política e social. Desde as leis discriminatórias, que as privaram dos seus direitos, como é o exemplo da sua exclusão dos cadernos eleitorais, até à imposição pela sociedade de ideais conservadores ligados à total devoção à família e ao lar, reduzindo este género apenas ao papel de mães, filhas e esposas. Assim, estas enfrentaram diversos desafios e restrições, vivendo submissas ao homem. Apesar de anos de injustiça para com as mulheres, muitas delas integraram grupos de resistência com o desejo de ter igualdade de oportunidades e de conquistar a sua liberdade, exemplo disso foram as “Três Marias” que contribuíram, com a publicação das “Novas Cartas Portuguesas”, para a consciencialização internacional da realidade que se vivia em Portugal e inspirou outras mulheres a expressar o seu descontentamento através da arte, da literatura e do jornalismo opondo-se à opressão que sofriam.

**CAROLINA MESQUITA, JÚLIA BAPTISTA E RITA ASCENSÃO, 12<sup>ª</sup>B**

## AS "TRÊS MARIAS" E O LIVRO PROIBIDO: A PRIMEIRA CAUSA FEMINISTA

Em 1971 três mulheres desafiaram o regime. Reclamavam direitos básicos, recusavam a subserviência, criticavam a ditadura. Foram detidas e julgadas. A prova do crime foi destruída: “Novas Cartas Portuguesas”, o livro agitador.

Três anos antes do 25 de Abril, três escritoras "deram a volta" ao regime com um livro. Não era um livro qualquer, mas um texto inovador com conteúdo revolucionário, a reclamar direitos para as mulheres, a denunciar os abusos, as violações e a violência que a ditadura procurava esconder.

Quando se juntaram para construir uma teia de poemas, cartas, ensaios e contos, Maria Isabel Barreno (1939-2016), Maria Velho da Costa (1938-2020) e Maria Teresa Horta (1937), não podiam imaginar que o seu livro seria apagado pela censura e as levaria a tribunal. Mas, também por causa deste livro – “Novas Cartas Portuguesas” – o regime ficou exposto aos olhos do mundo e o caso das “Três Marias” foi considerado a primeira causa feminista internacional.

## O QUE O 25 DE ABRIL REPRESENTOU PARA AS MULHERES

Até ao 25 de abril de 1974, as mulheres estavam numa posição de indubitável desvantagem. Não podiam ingressar na política, não podiam conjugar uma carreira na enfermagem com o casamento, o direito ao aborto não lhes era concedido em nenhuma circunstância. Como se não bastasse, as mulheres ganhavam menos 40% do que os homens nas mesmas funções, estavam sujeitas à vontade do “Chefe da Família” e deparavam-se com inúmeras injustiças, ao longo dos seus dias. A revolução veio, por isso, abrir uma janela pela qual as mulheres puderam olhar com esperança.

Em 1974, foram abolidas as “atenuantes especiais para o crime de homicídio cometido pelo marido contra a esposa adúltera”.

A 12 de julho de 1974, a mulher foi admitida na magistratura e nos serviços diplomáticos.

A Constituição de 1976 definiu que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”, pondo fim à definição do homem como “chefe da família” e à subsequente obediência da mulher.



## ALGUMAS CONQUISTAS DOS ÚLTIMOS 49 ANOS

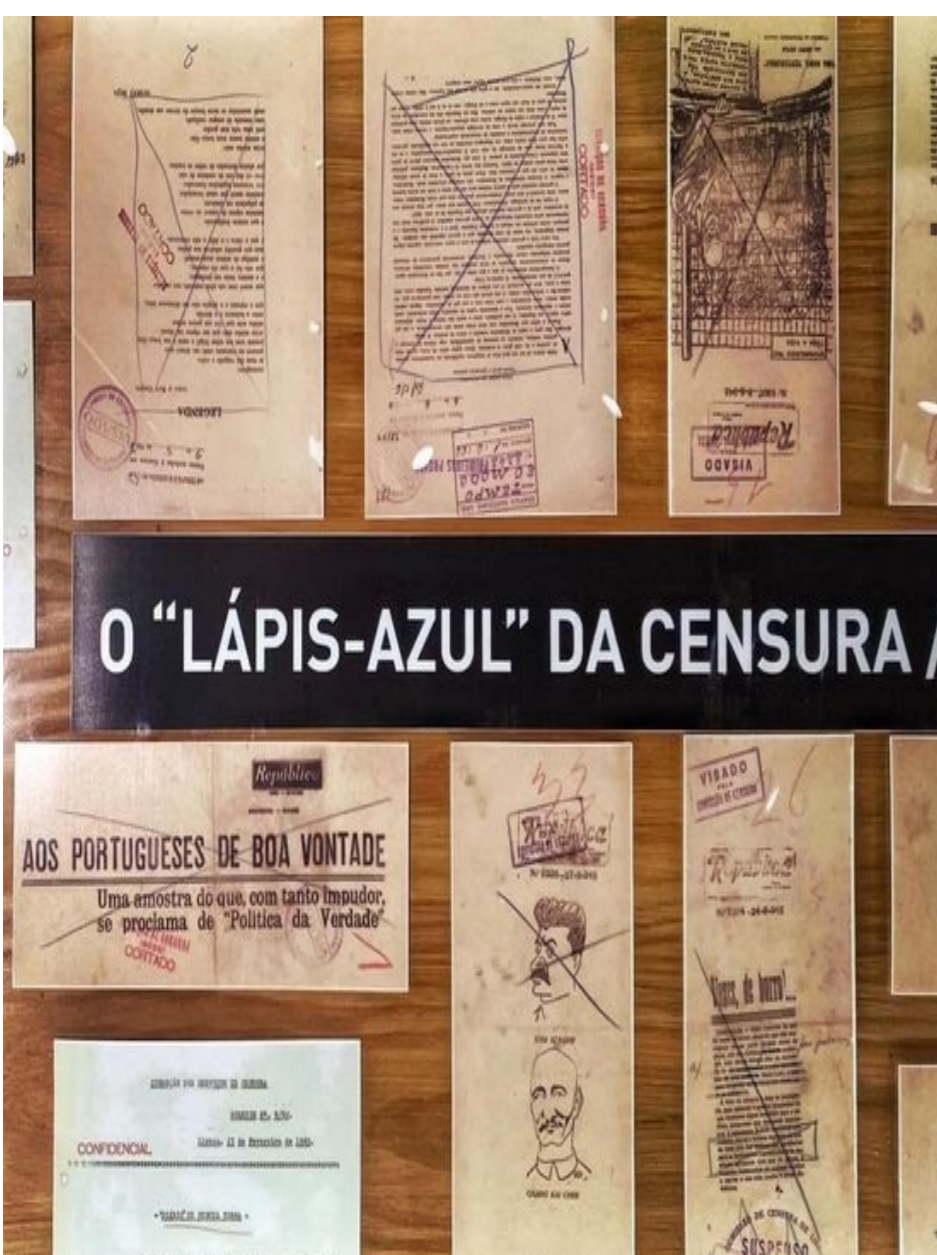
Em Portugal, a violência em relações de intimidade apenas passou a crime em 1982 – maus-tratos ao cônjuge. Neste crime, a prova da sua existência estava condicionada à demonstração de elementos de "malvadez e egoísmo". Com a reforma penal de 1995, o crime passou a integrar os maus-tratos psíquicos, seja sobre cônjuges ou pessoas em situação análoga à destes, passando a ser punível de 1 a 5 anos, pressupondo um agravamento relativamente a anterior período (de 1982 a 1995 - a moldura penal era de 6 meses a 3 anos). Entre 1995 e 1998, o crime passa a semipúblico (quando no período referenciado anteriormente era crime público). Só com a Lei n.º 7/2000, de 27 de maio se atribuiu a natureza de "crime público" ao crime de maus-tratos, passando assim o procedimento criminal a não estar dependente de queixa da vítima, bastando para tal haver denúncia ou conhecimento do crime para a intervenção do Ministério Público.



## A DITADURA E A CENSURA

Durante a ditadura em Portugal, a censura foi um meio de controlo do Estado sobre a informação e a expressão, limitando as liberdades individuais e impedindo qualquer oposição política. A censura levou à autocensura generalizada entre jornalistas, escritores e artistas, que muitas vezes optavam por evitar temas sensíveis ou críticas diretas ao governo, o que evidenciava o ambiente de medo e repressão vivido não só em relação à expressão escrita como também em todas as formas de expressão cultural como a rádio, teatro, música e até mesmo nas conversas do dia-a-dia. A polícia política, a temida PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado, tinha amplos poderes para decidir o que era permitido ser divulgado ao público e garantia que qualquer pessoa envolvida na criação ou disseminação de conteúdo considerado ofensivo ao regime seria presa, perseguida ou até mesmo torturada.

A censura permitia controlar todas as formas de pensamento, castrando o país, levando-o ao isolamento, ao esquecimento e à pobreza intelectual. Um país onde durante 48 anos formou uma elite pronta para governar com e para António de Oliveira Salazar. Hoje, nestas comemorações desejamos nunca mais sentir qualquer sentimento de repressão ideológica.



## LÁPIS AZUL CONTRA PENSAMENTO

O "lápiz azul" foi o símbolo da censura e da época da ditadura portuguesa do século XX. Os censores do Estado Novo usavam um lápis de cor azul nos cortes de qualquer texto, imagem ou desenho a publicar na imprensa. Para proteger a ditadura, os cortes eram justificados como meio de impedir e limitar as tentativas de subversão e difamação.

A 22 de junho de 1926 é instituída a Comissão da Censura, passando os jornais a ser obrigados a enviar a esta comissão quatro provas de página e a não deixarem em branco o espaço das notícias censuradas.

Em 1933, a Constituição Portuguesa institui legalmente a Censura, que permanece até à Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974.

O regime ditatorial suprimiu todas as liberdades democráticas da República liberal incluindo a liberdade de imprensa estabelecendo a censura aos jornais, livros e espetáculos, nomeadamente o cinema e o teatro.

Após a revolução, Marcelo Caetano prometeu mudar este instrumento do Estado Novo, ao ser nomeado chefe de governo, mas, na verdade, quase só lhe mudou o nome, passando a chamar-lhe "exame prévio". Com um ou outro nome, esta intervenção prévia (antes da publicação) impedia os órgãos de comunicação social de divulgarem notícias ou comentários julgados impróprios pelo regime, que tinha os seus meios de verificação.

Os censores utilizavam o célebre "lápiz azul" para cortar o que não queriam ver divulgado e coube a muitos jornalistas tornear, com imaginação, este impedimento.

CAROLINA MESQUITA,  
JÚLIA BAPTISTA E  
RITA ASCENSÃO,  
12<sup>º</sup>B

## QUANDO LER ERA PROIBÍDO

A palavra escrita podia comprometer o regime e a imagem que dele os portugueses tinham. Durante 48 anos, a política de Salazar, seguida por Marcello Caetano, era feita de silêncios, de calar tudo o que fosse considerado erotismo, humor, ou sátira política que levasse a uma "propaganda subversiva". A censura, prática comum a todas as ditaduras, sujeitou os que tinham a escrita como profissão. Os jornais, as revistas, os livros e outras manifestações culturais, eram cortados previamente ou simplesmente proibidos. Fugir ao lápis azul passou a ser uma arte construída em subtilezas e truques para iludir a vigilância policial. Era uma forma de resistir sem liberdade. Em 1933, a censura que já se aplicava às notícias e aos jornalistas passou também para a esfera literária. Centenas de obras foram proibidas. Da lista negra de autores portugueses faziam parte Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Torga, Alves Redol, Natália Correia, Manuel Alegre, Herberto Helder, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira, Almeida Faria, Bruno Amaral Vieira, Mário Soares, Salgado Zenha, Pacheco Pereira, entre muitos outros. Entre os estrangeiros figuravam nomes como Jorge Amado, Jean-Paul Sartre, Nietzsche, Henry Miller, Karl Marx, Vladimir Nabokov e qualquer autor que fosse considerado "perigoso" para o Regime, pois pensar poderia despertar consciências. Até "Os Lusíadas", de Luís Vaz de Camões, apesar de serem um tributo à Nação, eram lecionados, no Estado Novo, com a supressão do canto IX. Assim, para os alunos do ensino secundário, a obra não tinha "a Ilha dos Amores", porque, segundo os ditames da altura, atentava contra a moral e os bons costumes.



## ANTES DO 25 DE ABRIL DE 1974

O ensino antes do 25 de abril funcionava de forma diferente para ambos os géneros. Havia turmas separadas, e por esse motivo as professoras davam aulas às raparigas e os professores aos rapazes. Nas aldeias as escolas eram pequenas, pois existiam escolas que só tinham duas salas, uma para rapazes e outra para raparigas e tinham aulas por turno: de manhã ou à tarde. O horário escolar era das 9h às 17h e o único intervalo era à hora de almoço. Na maioria das vezes, os alunos deslocavam-se para a escola a pé, pois não existiam transportes públicos e, para além disso, eram obrigados a usar farda.

A escolaridade obrigatória, no tempo da ditadura, era de 4 anos para os rapazes (4ª classe) e de 3 anos para as raparigas (3ª classe), não sendo obrigatório, durante um tempo, para as raparigas, pois não tinham liberdade para tal, dedicando-se apenas às tarefas domésticas e ao que a mãe lhes ensinava.

Eram poucos os professores que tinham formação para exercer a sua profissão pois não frequentavam a faculdade. Os únicos que eram formados davam aulas, principalmente em cidades, enquanto as “Regentes” davam aulas nas aldeias. As Regentes eram mulheres e mães que, por vezes, não tinham formação, no entanto tinham os ideais de Salazar: Pátria, Família e Religião.

Antes do 25 de abril, os direitos legais entre as mulheres e os homens não eram os mesmos, pois muitas mulheres necessitavam de uma autorização escrita dos maridos para alguns atos da vida social. No ensino primário as professoras deviam permanecer solteiras, tendo a possibilidade de casar, apenas, mediante um pedido de autorização ao Ministério da Educação, onde o pretendente era obrigado a apresentar atestados de bom comportamento moral e cívico e de recebimento de um ordenado em harmonia com a da noiva.

O regime salazarista preocupava-se em transmitir os valores da religião (Deus), da Pátria e da Família. Eram obrigados a cantar o hino e a rezar, todos os dias, ao entrar nas salas. Nestas salas existiam um retrato de Salazar, um retrato do presidente da República de então e um crucifixo. Os professores aplicavam castigos físicos como reguadas ou a utilização da palmatória àqueles que respondiam incorretamente.

**BEATRIZ SILVA, EVA ANDRADE,  
LEONOR FERNANDES E RITA  
GOMES, 12ª**

# A EDUCAÇÃO ANTES E DEPOIS DO 25 DE ABRIL



## A EDUCAÇÃO 50 ANOS DEPOIS

A educação atualmente é um tema muito debatido por todo o país, sendo as principais críticas a falta de professores e a indisciplina dos alunos. É cada vez mais comum ser abordado, nas notícias, a ausência de docentes em escolas a nível nacional devido à falta de atratividade desta profissão desgastante, à instabilidade de uma colocação ou de um horário e ao baixo salário. O incorreto comportamento dos alunos refere-se a desvios ou infrações às normas e regras que regulam a vida na aula e em todo o espaço escolar o que se torna um impasse ao bom funcionamento da educação visto que, por vezes, os professores não conseguem ter controlo sobre estas atitudes. Apesar de todas estas críticas, a educação tem vindo a evoluir ao longo do tempo.

Na nossa geração, a educação é uma prioridade para a formação e aquisição de conhecimentos e valores. Começando pela escolaridade, que nos tempos que correm é obrigatória até ao 12º ano, havendo ainda a possibilidade de prosseguir estudos.

As nossas aprendizagens passam, muitas vezes, pelo desenvolvimento de competências, redução de desigualdades e a formação para o ensino superior. Graças ao esforço e à bravura do povo português que se uniu para conquistar a sua liberdade e a igualdade de direitos (principalmente o direito à educação), hoje em dia, o nível de analfabetismo é muito reduzido (mais ou menos 5%). Vivemos num estado considerado “laico”, ou seja, num estado que garante a liberdade religiosa e que protege aqueles que não optarem por uma crença.

## AINDA HÁ ANALFABETISMO EM PORTUGAL?

A taxa de analfabetismo em Portugal antes da revolução era muito elevada (64%), abrangendo principalmente as mulheres, pois muitas delas não eram autorizadas ou não tinham possibilidade de ir à escola.

Depois do 25 de abril de 74, o analfabetismo continua a cair em Portugal e em 2021 o valor era de 3,1%, abaixo dos 5,2% registados dez anos antes pelo Instituto Nacional de Estatísticas. Em termos absolutos, o Censos mais recente indica que ainda assim continua a haver 292.809 pessoas com 10 ou mais anos que não sabem ler nem escrever.

O retrato feito a cada 10 anos pelo INE também mostra que há diferenças significativas neste indicador por sexo e por região. A taxa de analfabetismo é de 3,96% entre as mulheres e de 2,1% entre os homens.

# A SAÚDE ANTES E DEPOIS DE 74



## A FALTA DE SAÚDE DO SNS

A saúde em Portugal, antes da revolução, baseava-se na Constituição de 1933 e na legislação, segundo a qual, ao Estado apenas cabia cuidar dos pobres. A partir de 1974 passou a existir em Portugal um Serviço Nacional de Saúde (SNS) criado com um objetivo muito inclusivo: universalidade, generalidade e gratuidade. Com esta alteração ocorreu um aumento da esperança média de vida dos homens que passou de 60 para 78,05 anos e a das mulheres que passou de 66 para 83,52 anos. O aumento dos cuidados de saúde para a população resultou também na diminuição em 94% da taxa de mortalidade infantil.

O plano de vacinação foi sofrendo alterações ao longo do tempo: antes desta revolução estavam apenas presentes no plano as vacinas para a tosse convulsa, a difteria, o tétano e a varíola. Posteriormente, foram adicionadas as que se encontram atualmente.

Atualmente, é comum vermos as frases: “Greve dos médicos em Lisboa com adesão “muito forte”” (CNN Portugal); “Hospitais sob pressão: 268 entradas na urgência por hora ” (CNN Portugal); ““As pessoas estão a morrer”: ânimos exaltados em hospital de Loures com espera superior a 16 horas” (Expresso); “Adesão à greve dos médicos ronda os 85%, segundo o sindicato” (Observador). Temos a benesse de existir um Serviço Nacional de Saúde no nosso país, que surgiu após a luta de muitos que sonharam com um país melhor. Hoje em dia a mentalidade mudou: apesar de existirem mais recursos, mais médicos, mais enfermeiros, parece haver falta uma estratégia, pois o nosso SNS parece estar a sofrer uma morte lenta.



ANDRÉ RODRIGUES, CONSTANÇA CORREIA E LEONOR SILVA, 12ªA

## A MORTALIDADE MATERNA E INFANTIL DURANTE O ESTADO NOVO

A maternidade, antes do 25 de abril de 74, era também muito diferente da realidade que vivemos hoje em dia. Nesse tempo, nasciam muitos bebés, mas também morriam muitos bebés e mães em consequência do parto. Os partos em ambiente hospitalar não chegavam aos 20% e quase todos sem anestesia epidural. Por isso, os partos duravam em média menos hora e meia que os de hoje em dia, mas eram muito mais dolorosos. Assim, a grande maioria dos partos acontecia em casa, com a ajuda de vizinhas, amigas e família. Devido à falta de condições para prestar os cuidados essenciais aos recém-nascidos, muitos não sobreviviam.

Portugal era o país da Europa com a mais alta taxa de mortalidade infantil. Com efeito, morriam cerca de 77 bebés por cada 1000 nascimentos. A taxa de mortalidade infantil em 1961 era equivalente à que vemos atualmente em alguns países em desenvolvimento.

A higiene era escassa, assim como os sistemas de água canalizada e saneamento. Por isso, muitas crianças malnutridas apanhavam doenças infecciosas. A diarreia afetava muitas crianças e muitas não resistiam, acabando por morrer.

A Associação para o Planeamento da Família foi criada em 1967. Mas, tal como o Plano Nacional de Vacinação, esta associação foi inicialmente olhada com desconfiança pela Igreja e governo da época.

Em 1969, cerca de 8 em cada 100 mulheres que faziam abortos provocados. Contudo, como os abortos eram clandestinos as mulheres acabavam por recorrer ao hospital devido a complicações causadas por essas intervenções.

Em 1971 são criados os Centros de Saúde que iriam depois ajudar a reverter a situação de elevada mortalidade Materna e Infantil em Portugal. É assim que muitas mulheres vão pela primeira vez ao médico. As mães começam a aprender os conceitos básicos de higiene e alimentação.

Hoje em dia, a nossa taxa de mortalidade infantil é uma das mais baixas não só da Europa, mas também do mundo! Morrem apenas cerca de três bebés em mil nascimentos. Os grandes desafios da área materno-infantil consistem na falta de profissionais de saúde, no agravamento das condições de vida e ao aumento do nascimento de bebés prematuros ou com baixo peso à nascença.

## A EVOLUÇÃO DO PLANO NACIONAL DE VACINAÇÃO

O plano de vacinação foi sofrendo alterações ao longo do tempo:

Em 1966 entraram no plano as vacinas para a tosse convulsa, a difteria, o tétano e a varíola.

Depois do 25 de abril, foi adicionada a vacina contra o sarampo.

Em 1987 foram adicionadas as vacinas para a rubéola e para a parotidite.

Ano 2000: foram incluídas as vacinas para o Haemophilus B e para a hepatite B.

2006: foi anexada a vacina contra o meningococo-C.

2008: foi incluída a vacina contra o vírus do Papiloma Humano.

2020: houve o alargamento a todas as crianças com 2, 4 e 12 meses de idade, da vacinação contra a doença invasiva por meningite meningocócica (Neisseria meningitidis) do grupo B (vacina MenB) e também o alargamento ao sexo masculino, aos 10 anos de idade, da vacinação contra infeções por vírus do Papiloma humano (vacina HPV), incluindo os genótipos causadores de condilomas ano-genitais.

ESTA EDIÇÃO ESPECIAL É DA RESPONSABILIDADE DO CLUBE DE JORNALISMO



## CASAS SIM, BARRACAS NÃO!

Antes do 25 de Abril o arrendamento era a opção da maioria dos portugueses. Quem quisesse constituir família arrendava uma casa ou, no caso de serem vários agregados familiares, não era raro optarem por morar na mesma casa. Por isso, era habitual as casas terem bastantes assoalhadas, embora as áreas fossem muito pequenas.

À data da revolução, o problema habitacional em Portugal estava longe de estar resolvido, sobretudo no que diz respeito à habitação social. A existência de bairros de barracas e o sentimento de que o 25 de Abril também se fizera para melhorar as condições de vida das populações mais desfavorecidas levaram à criação de um projeto pioneiro na Europa.

Após o 25 de Abril, a operação SAAL juntou engenheiros, arquitetos e comissões de moradores para definir uma reforma da habitação local em Portugal. Em vários pontos do país ocorreram lutas populares pelo direito a uma habitação digna e para todos.

A operação SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) colocou grande parte da resposta nas mãos dos próprios interessados, que se organizaram em comissões de moradores, e tiveram financiamento para fazer avançar as obras.

Para além de ter superado vários obstáculos de carácter administrativo e burocrático (a operação foi criada por simples despacho, em julho de 1974), o SAAL tinha uma base alargada de apoio popular, juntando todos aqueles que se quisessem envolver nesta reforma, como arquitetos, estudantes, engenheiros, projetistas, para lá dos moradores.

## VIVER NA RUA EM 2024

Em apenas um ano a população sem-abrigo aumentou 25% na região metropolitana de Lisboa. O perfil da pessoa sem-abrigo mudou. Apesar de continuar a haver muitos indivíduos com problemas de toxicodependência, alcoolismo e doenças mentais, há atualmente pessoas que têm emprego, mas não conseguem pagar a renda de uma casa para morar. E, se o turismo é uma das alavancas da economia portuguesa, são sobretudo trabalhadores deste setor a viver nas ruas. Muitas famílias estão a passar por grandes dificuldades no que diz respeito ao orçamento familiar. Muitas vezes, sem recursos para fazer face a todas as despesas familiares, acabam como sem-abrigo.

# PAZ, PÃO, HABITAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO

## O DESPORTO ANTES E DEPOIS DE 74

Durante a Ditadura, o desporto era praticado essencialmente no âmbito da Mocidade Portuguesa, uma organização nacional, que abrangia obrigatoriamente toda a juventude, escolar ou não, com o intuito de desenvolver a capacidade física da juventude portuguesa e a sua lealdade ao Estado Novo. O 25 de Abril massificou o desporto. Abriu-lhe as portas, criou mais condições para que pudesse ser praticado por mais gente e em melhores condições.

Depois do 25 de abril, com o fim da ditadura, a prática do desporto modernizou-se abrangendo uma maior massa populacional, aumentando o número de praticantes de desporto melhorando o desempenho dos atletas portugueses em competições internacionais, e o número de dirigentes portugueses em organizações internacionais, elevando o prestígio desportivo nacional a um novo patamar. O país acolheu e organizou eventos ao mais elevado nível, como o euro 2004. Ou seja, houve um crescimento no setor desportivo com a valorização da competitividade entre atletas tanto nacional como internacionalmente, em quaisquer vertentes desportivas.

## SEM LIBERDADE E SEM PAZ

A oposição ao regime autoritário de Salazar e depois de Marcelo Caetano era perseguida pela polícia política (PIDE/DGS) e tinha de agir na clandestinidade ou refugiar-se no exílio. Os opositoristas, sob a acusação de pensarem e agirem contra a ideologia e prática do Estado Novo, eram presos em cadeias e centros especiais de detenção (Caxias, Aljube, Tarrafal).

A Constituição não garantia o direito dos cidadãos à educação, à saúde, ao trabalho, à habitação. Não existia o direito de reunião e de livre associação e as manifestações eram proibidas. Não havia Liberdade.

Portugal estava envolvido na guerra colonial em Angola, na Guiné e em Moçambique, o que gerou o protesto de milhares de jovens e se transformou num dos temas dominantes da oposição ao regime, com especial realce para os estudantes universitários. Não havia Liberdade nem Paz.

Hoje é difícil imaginar como era Portugal antes do 25 de Abril de 1974. Mas, se pensarmos que, por exemplo, as escolas tinham salas e recreios separados para rapazes e raparigas, que muitos discos e livros estavam proibidos, que existiam nas Rádios listas de música que não se podia passar, que havia bens de consumo que não se podiam importar, que não se podia sair livremente do país, que sobre todos os rapazes de 18 anos pairava o espectro da guerra.

## A CRIAÇÃO DO ORDENADO MÍNIMO

A criação do salário mínimo em 1974 foi um impulso para a economia.

A generalidade das profissões trabalhava entre 42 e 48 horas por semana, geralmente 48 horas por semana. A partir do 25 de Abril, houve o reconhecimento das férias e da negociação de férias remuneradas, coisa que não estava garantida na lei e que não era prática em muitos setores. Isso deu azo a uma melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores. Houve muitas concentrações junto ao Ministério do Trabalho, reclamando o reconhecimento às férias e aos subsídios de férias e o alargamento do tempo de férias, nos casos em que já havia esse reconhecimento, e que isso fosse fixado nos contratos coletivos. Houve rápido desenvolvimento das lutas reivindicativas, mas depois houve uma alteração das leis que regulamentavam a contratação coletiva e disciplinavam de outro modo a ação dos sindicatos.

## TEXTOS DE:

Cristiano Pereira, Guilherme Santos, Tiago Louro, Rodrigo Gomes, Maria Inês Esteves, Maria Rita Paulino, Mariana Brilhante, Pedro Santos e Tomás Silva .

12.ªA

## COORDENAÇÃO E PAGINAÇÃO:

Maria Clara Bernardino